

LITERATURA

Modernismo Terceira Fase

01 - (ENEM) Pecados, vagância de pecados. Mas, a gente estava com Deus? Jagunço podia? Jagunço – criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros, matando e rouphilhando. Que podia? Esmo disso, disso, queri, por pura toleima; que sensata resposta podia me assentar o Jõe, broreiro peludo do Riachão do Jequitinhonha? Que podia? A gente, nós, assim jagunços, se estava em permissão de fé para esperar de Deus perdão de proteção? Perguntei, quente.

— “Uai? Nós vive... — foi o respondido que ele me deu.

ROSA, G. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 (fragmento).

Guimarães Rosa destaca-se pela inovação da linguagem com marcas dos falares populares e regionais. Constrói seu vocabulário a partir de arcaísmos e da intervenção nos campos sintático-semânticos. Em Grande sertão: veredas, seu livro mais marcante, faz o enredo girar em torno de Riobaldo, que tece a história de sua vida e sua interlocução com o mundo-sertão.

No fragmento em referência, o narrador faz uso da linguagem para revelar

- a.inquietação por desconhecer se os jagunços podem ou não ser protegidos por Deus.
- b.uma insatisfação profunda com relação à sua condição de jagunço e homem pecador.
- c.confiança na resposta de seu amigo Jõe, que parecia ser homem estudado e entendido.
- d.muitas dúvidas sobre a vida após a morte, a vida espiritual e sobre a fé que pode ter o jagunço.
- e.arrependimento pelos pecados cometidos na vida errante de jagunço e medo da perdição eterna.

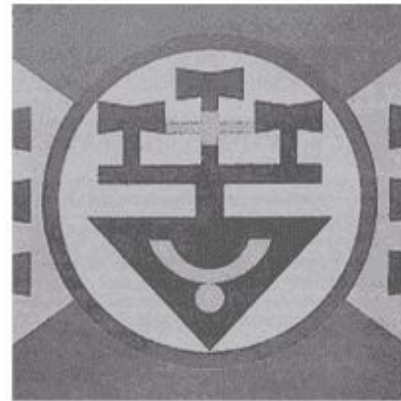
02 - (ENEM) O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

ROSA, J. G. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

No romance Grande sertão: veredas, o protagonista Riobaldo narra sua trajetória de jagunço. A leitura do trecho permite identificar que o desabafo de Riobaldo se aproxima de um(a):

- a.diário, por trazer lembranças pessoais.
- b.fábula, por apresentar uma lição de moral.
- c.notícia, por informar sobre um acontecimento.
- d.aforismo, por expor uma máxima em poucas palavras.
- e.crônica, por tratar de fatos do cotidiano.

03 - (ENEM)



VALENTIM, R. *Emblema 78*. Acrílico sobre tela. 73 × 100 cm. 1978.

Disponível em: www.espacoarte.com.br. Acesso em: 2 ago. 2012.

A obra de Rubem Valentim apresenta emblema que, baseando-se em signos de religiões afro-brasileiras, se transformam em produção artística. A obra Emblema 78 relaciona-se com o Modernismo em virtude da

- a.simplificação de formas da paisagem brasileira.
- b.valorização de símbolos do processo de urbanização.
- c.fusão de elementos da cultura brasileira com a arte europeia.
- d.alusão aos símbolos cívicos presentes na bandeira nacional.
- e.composição simétrica de elementos relativos à miscigenação racial.

04 - (ENEM)



ROSA, R. Grande sertão: veredas: adaptação da obra de João Guimarães Rosa.

São Paulo: Globo, 2014 (adaptado).

A imagem integra uma adaptação em quadrinhos da obra Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa. Na representação gráfica, a inter-relação de diferentes linguagens caracteriza-se por

- romper com a linearidade das ações da narrativa literária.
- ilustrar de modo fidedigno passagens representativas da história.
- articular a tensão do romance à desproporcionalidade das formas.
- potencializar a dramaticidade do episódio com recursos das artes visuais.
- desconstruir a diagramação do texto literário pelo desequilíbrio da composição.

05 - (ENEM) Quem é pobre, pouco se apega, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas. O senhor vê: o Zé-Zim, o melhor meeiro meu aqui, risonho e habilidoso. Pergunto: – Zé-Zim, por que é que você não cria galinhas-d’angola, como todo o mundo faz? – Quero criar nada não... – me deu resposta: -Eu gosto muito de mudar. [...] Belo um dia, ele tora. Ninguém discrepa. Eu, tantas, mesmo digo. Eu dou proteção. [...] Essa não faltou também à minha mãe, quando eu era

menino, no sertãozinho de minha terra. [...] Gente melhor do lugar eram todos dessa família Guedes, Jidião Guedes; quando saíram de lá, nos trouxeram junto, minha mãe e eu. Ficamos existindo em território baixio da Sirga, da outra banda, ali onde o de – Janeiro vai no São Francisco, o senhor sabe.

ROSA, J. G. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: José Olympio (fragmento).

Na passagem citada, Riobaldo expõe uma situação decorrente de uma desigualdade social típica das áreas rurais brasileiras marcadas pela concentração de terras e pela relação de dependência entre agregados e fazendeiros. No texto, destaca-se essa relação porque o personagem-narrador

- relata a seu interlocutor a história de Zé-Zim, demonstrando sua pouca disposição em ajudar seus agregados, uma vez que superou essa condição graças à sua força de trabalho
- descreve o processo de transformação de um meeiro – espécie de agregado – em proprietário de terra.
- denuncia a falta de compromisso e a desocupação dos moradores, que pouco se envolvem no trabalho da terra.
- mostra como a condição material da vida do sertanejo é dificultada pela sua dupla condição de homem livre e, ao mesmo tempo, dependente.
- mantém o distanciamento narrativo condizente com sua posição social, de proprietário de terras.

06 - (ENEM) Declaração de amor

Esta é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa Ela não é fácil. Não é maleável. [...] A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo.

Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la – como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes a galope. Eu queria que a língua portuguesa chegasse ao máximo em minhas mãos. E este desejo todos os que escrevem têm. Um Camões e outros iguais não bastaram para nos dar para sempre uma herança de língua já feita. Todos nós que escrevemos estamos fazendo do túmulo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida.

Essas dificuldades, nós as temos. Mas não falei do encantamento de lidar com uma língua que não foi aprofundada. O que recebi de herança não me chega. Se eu fosse muda e também não pudesse escrever, e me perguntassem a que língua eu queria pertencer, eu diria:

inglês, que é preciso e belo. Mas, como não nasci muda e pude escrever, tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português. Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida.

LISPECTOR. C. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro Rocco, 1999 (adaptado).

O trecho em que Clarice Lispector declara seu amor pela língua portuguesa, acentuando seu caráter patrimonial e sua capacidade de renovação, é:

a. "A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve."

b. "Um Camões e outros iguais não bastaram para nos dar para sempre uma herança de língua já feita."

c. "Todos nós que escrevemos estamos fazendo do túmulo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida."

d. "Mas não falei do encantamento de lidar com uma língua que não foi aprofundada."

e. "Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida."

07 - (UNIFESP)



A tela de Portinari - A criança morta - tematiza aspecto marcante da vida no sertão nordestino, frequentemente castigado pelas secas, pela miséria e pela fome. Os escritores que se dedicaram também a esse tema foram

a. Graciliano Ramos e José de Alencar.

b. Hilda Hilst e Jorge Amado.

c. Rachel de Queiroz e João Cabral de Melo Neto.

d. José Lins do Rego e Carlos Drummond de Andrade.

e. Guimarães Rosa e Cecília Meireles.

08 - (ENEM) Morte e vida Severina

Somos muitos Severinos

iguais em tudo na vida:

na mesma cabeça grande

que a custo é que se equilibra,

no mesmo ventre crescido

sobre as mesmas pernas finas,

e iguais também porque o sangue

que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos

iguais em tudo na vida,

morremos de morte igual,

mesma morte Severina:

que é a morte de que se morre

de velhice antes dos trinta

de emboscada antes dos vinte,

de fome um pouco por dia.

MELO NETO, J. C. Obra completa. Rio Janeiro: Nova Aguilar, 1994 (fragmento).

Nesse fragmento, parte de um auto de Natal, o poeta retrata uma situação marcada pela

a. presença da morte, que universaliza os sofrimentos dos nordestinos.

b. figura do homem agreste, que encara ternamente sua condição de pobreza.

c. descrição sentimentalista de Severino, que divaga sobre questões existenciais.

d. miséria, à qual muitos nordestinos estão expostos, simbolizada na figura de Severino.

e. opressão socioeconômica a que todo ser humano se encontra submetido.

09 - (ENEM)

TEXTO I

O meu nome é Severino,

não tenho outro de pia.

Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias,
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem falo

ora a Vossas Senhorias?

MELO NETO, J. C. Obra Completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994 (fragmento).

TEXTO II

João Cabral, que já emprestara sua voz ao rio, transfere-a, aqui, ao retirante Severino, que, como o Capibaribe, também segue no caminho do Recife. A autoapresentação do personagem, na fala inicial do texto, nos mostra um Severino que, quanto mais se define, menos se individualiza, pois seus traços biográficos são sempre partilhados por outros homens.

SECCHIN, A. C. João Cabral: a poesia do menos. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999 (fragmento).

Com base no trecho de Morte e Vida Severina (Texto I) e na análise crítica (Texto II), observa-se que a relação entre o texto poético e o contexto social a que ele faz referência aponta para um problema social expresso literariamente pela pergunta “Como então dizer quem fala / ora a Vossas Senhorias?”.

A resposta à pergunta expressa no poema é dada por meio da

a. descrição minuciosa dos traços biográficos do personagem-narrador.

b. construção da figura do retirante nordestino como um homem resignado com a sua situação.

c. representação, na figura do personagem-narrador, de outros Severinos que compartilham sua condição.

d. apresentação do personagem-narrador como uma projeção do próprio poeta, em sua crise existencial

e. descrição de Severino, que, apesar de humilde, orgulha-se de ser descendente do coronel Zacarias.

10 - (FUVEST) A narração hesitante e digressiva, em constante auto-exame, não se limita apenas a registrar o sentimento de culpa do narrador, mas traduz, também, uma autocrítica radical, em que ele questiona sua própria posição de classe e, com ela, a própria literatura. Esta afirmação aplica-se a:

a. "Memórias de um sargento de milícias".

b. "Memórias póstumas de Brás Cubas".

c. "Morte e vida severina".

d. "O primo Basílio".

e. "A hora da estrela".

11 - (FUVEST) Vestindo água, só saído o cimo do pescoço, o burrinho tinha de se enqueixar para o alto, a salvar também de fora o focinho. Uma peitada. Outro tacar de patas. Chu-áa! Chu-áa... - ruge o rio, como chuva deitada no chão. Nenhuma pressa! Outra remada, vagarosa. No fim de tudo, tem o pátio, com os cochos, muito milho, na Fazenda; e depois o pasto: sombra, capim e sossego... Nenhuma pressa. Aqui, por ora, este poço doido, que barulha como um fogo, e faz medo, não é novo: tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: como os homens e os seus modos, costureira confusão. É só fechar os olhos. Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sem afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando forças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco, fora de hora. Assim.

João Guimarães Rosa. O burrinho pedrês, Sagarana.

Como exemplos da expressividade sonora presente nesse excerto, podemos citar a onomatopeia, em "Chu-áa! Chu-áa...", e a fusão de onomatopeia com aliteração, em:

a. "vestindo água".

b. "ruge o rio".

c. "poço doido".

d. "filho do fundo".

e. "fora de hora".

12 - (UFU) Havia em Recife inúmeras ruas, as ruas dos ricos, ladeadas por palacetes que ficavam no centro de grandes jardins. Eu e uma amiguinha brincávamos muito de decidir a quem pertenciam os palacetes. "Aquele branco é meu." "Não, eu já disse que os brancos são meus." "Mas esse não é totalmente branco, tem janelas verdes." Parávamos às vezes longo tempo, a cara imprensada nas grades, olhando.

[...] Numa das brincadeiras de "essa casa é minha", paramos diante de uma que parecia um pequeno castelo. No fundo via-se o imenso pomar. E, à frente, em canteiros bem ajardinados, estavam plantadas as flores.

LISPECTOR, Clarice. Cem anos de perdão. Felicidade clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 60.

A narrativa de ficção joga com sentidos duplos e figurados e explora as variadas possibilidades da linguagem. Na obra de Clarice Lispector, para atingir uma maior expressividade na construção do texto, destaca-se ainda a epifania.

Considerando-se o conceito de epifania na obra dessa autora, pode-se ler o conto "Cem anos de perdão" como

a. antítese do prazer da criança que desvela, por meio do ato de roubar, as possibilidades da transgressão das rígidas normas impostas pela sociedade, mas que sofre de forma antecipada devido à possibilidade da punição.

b. metáfora da passagem da infância para a adolescência, uma vez que a descoberta dos grandes jardins com suas rosas e pitangas acena, figurativamente, para a descoberta do erotismo e da sexualidade.

c. alegoria da dor da criança pobre que, ao andar pelas ruas ricas do espaço urbano, percebe a desigualdade social de Recife, o que autoriza e legitima o ato de roubar.

d. metonímia do mal que se manifesta, de forma inofensiva, nas crianças, por meio do roubo de rosas e de pitangas, mas que na vida adulta se manifestará em atos e atitudes que prejudicarão a sociedade.

13 - (PUC) A década de 1950 foi marcada pelo anseio de modernização do país, cujos reflexos se fazem sentir também no plano da cultura. É de se notar o amadurecimento da poesia de João Cabral, poeta que se rebelou contra o que considerava nosso sentimentalismo, nosso "tradicional lirismo lusitano", bem como o surgimento de novas tendências experimentalistas, observáveis na linguagem renovadora de Ferreira Gullar e na radicalização dos poetas do Concretismo. As linhas geométricas da arquitetura de Brasília e o apego ao construtivismo que marca a criação poética parecem, de fato, tendências próximas e interligadas.

(MOUTINHO, Felipe, inédito)

O anseio pela renovação da linguagem poética ao longo da década de 50, presente tanto na poesia de Ferreira Gullar como na dos poetas concretos, manifestou-se sobretudo como um empenho em

a. reforçar o aspecto discursivo do verso, por meio da valorização dos nexos sintáticos.

b. espacializar as palavras, reconhecendo em cada uma a autonomia de um signo.

c. dotar os versos da musicalidade expressiva dos modernos simbolistas europeus.

d. engajar as palavras num discurso de denúncia e de combate político.

e. experimentar novas formas fixas de poema, combatendo assim a livre discursividade.

14 - (UFRM) A questão a seguir refere-se às obras "A hora e vez de Augusto Matraga", de Guimarães Rosa (1946), e "A hora da estrela", de Clarice Lispector (1977). Pode-se afirmar que o final das duas narrativas revela o que é sugerido em seus títulos. Nesse sentido, a morte das personagens aparece como

a. o acontecimento que resolve, pela ação de um indivíduo, o problema de uma coletividade em apuros.

b. o instante único no qual Augusto Matraga e Macabéa, cada um a seu modo, reconhecem-se como fracassados.

c. o instante único no qual Augusto Matraga e Macabéa, cada um a seu modo, vislumbram a felicidade.

d. o acontecimento que resolve o destino individual, sem maiores implicações na coletividade.

15 - (ESPCEX - AMAN)

Leia o trecho abaixo, de "Morte e vida severina", de João Cabral de Melo Neto.

"- Severino retirante,

deixa agora que lhe diga:

eu não sei bem a resposta

da pergunta que fazia,

se não vale mais saltar

fora da ponte e da vida;

(...)

E não há melhor resposta

que o espetáculo da vida:

vê-la desfiar seu fio,

que também se chama vida,

ver a fábrica que ela mesma,

teimosamente, se fabrica"

Quanto ao gênero literário, é correto afirmar que o fragmento lido é

a.narrativo, que conta em prosa histórias do sertão nordestino.

b.uma peça teatral, desprovido de lirismo e com linguagem rústica.

c.bastante poético e marcado por rimas. sem metrificação.

d.uma epopeia, que traduz o desencanto pela vida dura do sertão.

e.dramático, que encena conflitos internos do ser humano.

GABARITO

01 – A

02 – D

03 – C

04 – D

05 – D

06 – B

07 – C

08 – D

09 – C

10 – E

11 - B

12 - B

13 - B

14 - C

